

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

GUILHERME LOURENÇO CARVALHO

Ao redor

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

GUILHERME LOURENÇO CARVALHO

Ao redor

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao colegiado de graduação em Artes Visuais
da Escola de Belas Artes da Universidade
Federal de Minas Gerais, como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel
em Pintura

-Orientadora: Prof.^a Janaina Rodrigues

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2022

AGRADECIMENTOS

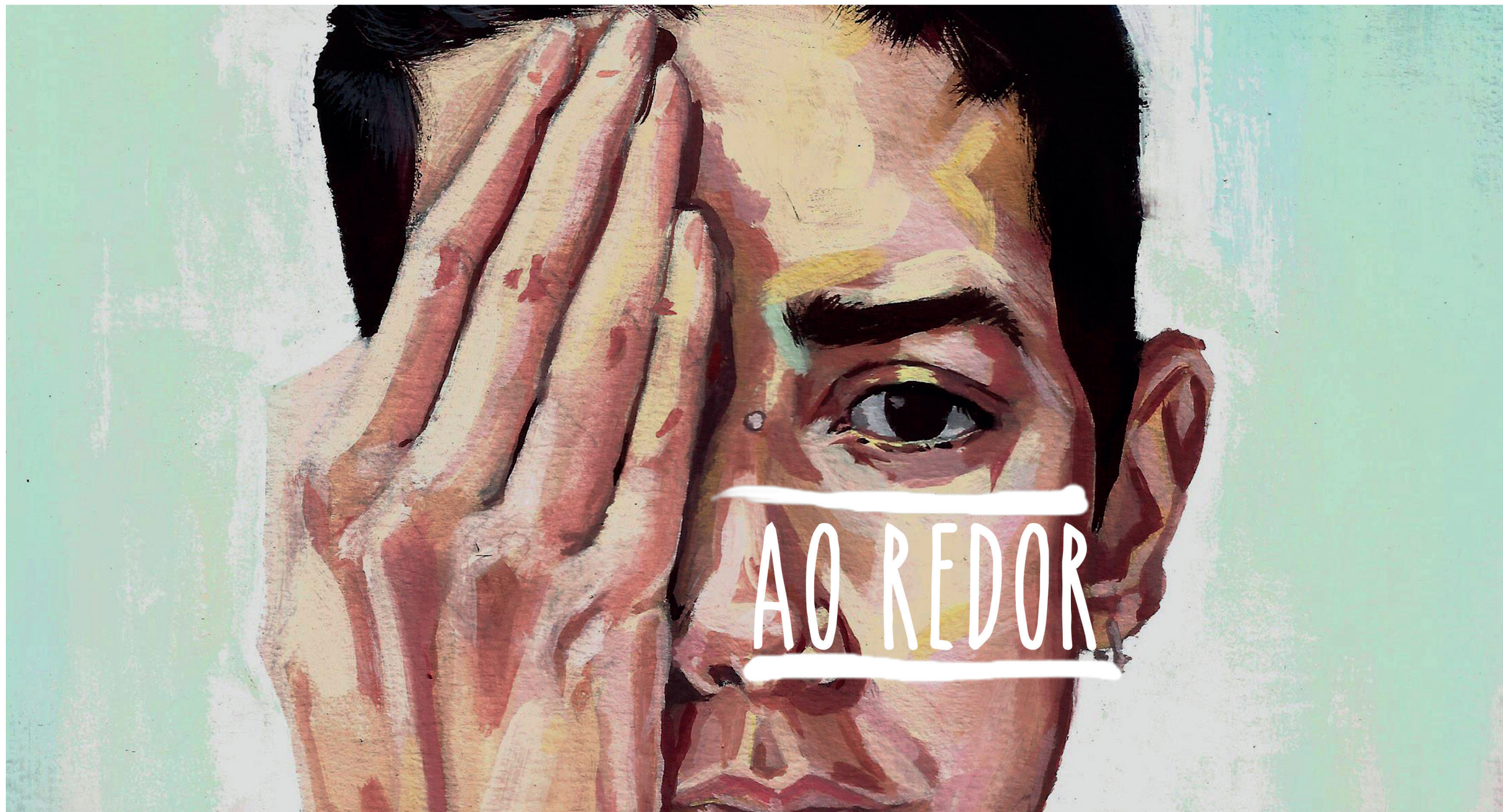
Agradeço a minha família, minha mãe que sempre me acompanhou na jornada do meu fazer artístico desde criança. Sendo minha maior inspiração e também minha maior apoiadora.

Ao meu pai por ser meu porto seguro, e sempre estar presente todas as vezes que precisei, me dando todo o suporte para que pudesse perseguir meu objetivo de ser artista.

Aos amigos e colegas que posaram e contribuíram para que este projeto pudesse existir.

Agradeço ao Adriel que foi meu parceiro durante todo o percurso na Universidade, sem as conversas e o apoio dele dificilmente chegaria até aqui. Obrigado pelas conversas e pelas vivências. Acertamos, erramos, nos perdemos e seguimos tentando nos encontrar juntos.

Agradeço a todos os professores que somaram a conversa e me ajudaram a enxergar e aceitar meu trabalho, me instigando, apoiando, questionando e me ajudando a seguir no caminho que escolhi.



AO REDOR

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	10
DESENHO COMO REFÚGIO	14
O MEU LUGAR	18
UM POUCO DE VOCÊ EM MIM TALVEZ PUDESSE ME FAZER BEM	25
NOTAS SOBRE O PROCESSO	34
O QUE ACONTECE EM MIM ACONTECE AO MEU REDOR	41
CONVERSA COM BERNADETT TIMKO	55
LISTA DE IMAGENS	62
BIBLIOGRAFIA	64

INTRODUÇÃO

Ao redor

O projeto de pesquisa das pinturas e desenhos aqui apresentados nasceu de uma necessidade de fazer trabalhos mais pessoais, nos quais eu me sentisse mais investido tanto no processo de pintura quanto no processo de pensar a imagem.

Temas como cotidiano, intimidade, como percebemos e como somos afetados por pessoas e espaços que estão ao nosso redor, são o foco do trabalho.

Pessoas diferentes nos afetam de formas diferentes, porque alguém é tão interessante para alguns e passa despercebido por outros? Quando escolho quem vou pintar, é sempre isso que eu tento representar, essa coisa que fez eu me interessar pelo modelo, sendo isso um atributo físico ou um jeito de se portar, a personalidade e atitude. As pessoas retratadas nos meus trabalhos vão desde familiares e amigos próximos a pessoas que não conheço tão bem e que me intrigam de alguma forma.

Tento ver cada pintura, cada desenho, como um exercício não só pictórico mas também de uma evolução pessoal, sempre fui muito fechado e tenho muita dificuldade em interagir com outras pessoas. E sinto que o desenho me deu permissão para olhar para as pessoas, para tentar me comunicar e me conectar. E tentar fazer com que cada pintura além de representar uma pessoa consiga também falar sobre algo mais, seja luz e sombra, atmosfera, afeto, desejo, medos, é muito bonito pra mim e também faz parte do desafio.

Os retratos pra mim são uma busca por intimidade. Meus trabalhos são sobre empatia e amor.



“O que acontece em mim, acontece ao meu redor”
Bullet Bane - Labirinto

O DESENHO COMO REFÚGIO

Acredito que meu fazer artístico tem como início um lugar de refúgio, eu usava o desenhar ou pintar como uma forma de me esconder. Quando eu percebi que enquanto eu estivesse ali debruçado desenhando, as pessoas não me incomodariam. Comecei a usar isso como método: era comum ir a uma festa quando criança e levar sempre uma pastinha com os materiais para desenhar. Isso fazia o tempo passar mais rápido. E eu esquecia de que eu não me encaixava nos lugares e me perdia em mundos de imaginação rabiscando. Isso ainda acontece pois aprendi a me esconder, pra lutar contra o sentimento de não pertencer, desenhando e evitando pessoas e situações, fazendo o tempo passar mais rápido e ao mesmo tempo em que observo o mundo, de alguma forma também o evito. Meu olhar tímido e atento me ensinou a perceber as coisas ao redor e estar sempre alerta às situações, às vezes até mais do que é preciso. Decorando rostos, pegando as micro expressões das pessoas, posturas que mudam, e assim criando narrativas e diferentes cenários.

Ultimamente eu tenho pensado sobre insegurança
E de como eu nem tenho certeza do que significa
Me Empurrando através de cada dia chato e embaçado.
Esse comportamento é um método, não uma fase.
(CRUTCHFIELD, Kathryn. Clumsy. In: Early Recordings 2016.
Faixa 5)

Esse refúgio solitário logo se tornou uma obsessão de sempre querer ser melhor, de querer sempre melhorar no desenho. Era comum passar madrugadas desenhando e os cadernos de escola eram tomados pelo desenho. Resgatar esse recurso da infância, me ajudou a perceber como o meu olhar para o cotidiano foi e é importante para mim. É solitário não pertencer, e isso me fez ser um espectador, sempre assistindo tudo e todos e agora na vida adulta, na universidade percebo como esse recurso se transformou em método de trabalho. Nele percebo as questões que trarei em seguida.



“Escapar e não fugir, me encontrar em mim.”
menores atos - O que te trouxe até aqui



O MEU LUGAR

Lembro-me de me tornar obcecado por todas as formas de criar imagens, desenhando, colorindo e pintando. Mas eu nunca tive um objetivo de tornar todos esses trabalhos em coisas úteis e nem poéticas, eram de alguma forma apenas prática. Quando me questionavam sobre qual era meu objetivo com desenho, se queria ser ilustrador, quadrinista ou pintor, eu sempre respondia que queria apenas desenhar. E no momento que o desenho teve que se tornar uma profissão, alguma coisa mudou, o que antes era divertido, agora tinha peso, era difícil, era uma responsabilidade.

Talvez esse peso venha de uma sensação de que é preciso conquistar algo, minha família por parte de mãe tinha outros artistas, que acabaram por cair em vícios, sofreram muito e ficaram pelo caminho. Acho que ter presenciado essas coisas ainda muito jovem me fez temer esse caminho. O que sempre foi um refúgio para mim, agora tinha que se transformar em profissão, em dinheiro e em sustento.

Sempre fui fascinado pela figura humana e ela está presente em todos os meus trabalhos. Anteriormente, me formei no curso técnico da Casa Dos Quadrinhos, escola de artes que tem como foco formar profissionais na área de ilustração e quadrinhos, e lá desenvolvi boa parte do pensamento técnico que ainda carrego, saindo de lá queria trabalhar com projetos de ilustração, com temáticas de fantasia e ficção. Mas sentia falta de colocar um pouco mais de mim nos trabalhos. Era normal eu fazer vários desenhos de várias formas e técnicas e não sentir nenhuma conexão com eles, eu até gostava dos resultados que atingia, mas sentia que era mais sobre técnica e execução do que sobre estar me comunicando ou me expressando através dos desenhos.

Então, já na Escola de Belas Artes, quando chegou a hora de escolher um projeto para desenvolver, na habilitação de desenho, eu me senti um pouco perdido. Tentei propor trabalhos no formato de quadrinhos e algumas ilustrações - já tentando seguir pela temática das coisas cotidianas - mas continuava me sentindo

distante dos trabalhos e nada prosseguia. Logo depois de um semestre conturbado, batendo cabeça no desenho, resolvi parar e analisar as coisas que eu estava fazendo e o porquê. As coisas que eu mais gostava eram os retratos e a temática de coisas mundanas, o dia a dia.

Encontrava um pouco de dificuldade com a temática, talvez por ser um pouco inseguro mesmo. Quando eu cheguei na universidade e vi vários trabalhos dos/as colegas com uma carga política ou emocional, eu sentia que meu trabalho era de alguma forma menor. Que as coisas que eu estava tentando fazer eram simples demais.



Eu queria fazer retratos de pessoas próximas, cenas do cotidiano, mas estava com esse sentimento estranho de que o trabalho precisava ser mais. Foi nesse momento que encontrei o trabalho do pintor Colombiano, Nicolas Uribe. Um pintor figurativo que faz trabalhos com pessoas do seu cotidiano, seus filhos, parentes e sua namorada.

Então pesquisando mais sobre ele e o trabalho, me deparei com essa entrevista no Podcast “Your Creative Push” onde ele descrevia ter passado exatamente pelas mesmas coisas que eu estava passando. Ele fala sobre abraçar essa simplicidade da qual eu tinha medo e de usá-la como força no trabalho, sobre se entregar às coisas do cotidiano, trazendo o trabalho pra perto de si.

Eu não consigo pintar aquilo que não conheço, eu posso fingir e ainda sim sair com uma pintura boa. Posso a fazer ser sobre luz, forma, mas o que eu quero realmente pintar tem que ser algo que eu conheço, algo que eu possa dirigir (direcionar) e fazer isso por experiência própria e pra mim foi ser um pintor que pinta da natureza que me cerca, é a família, os amigos e os espaços que eles habitam. E como sou afetado por essas pessoas, pra mim foi simples.

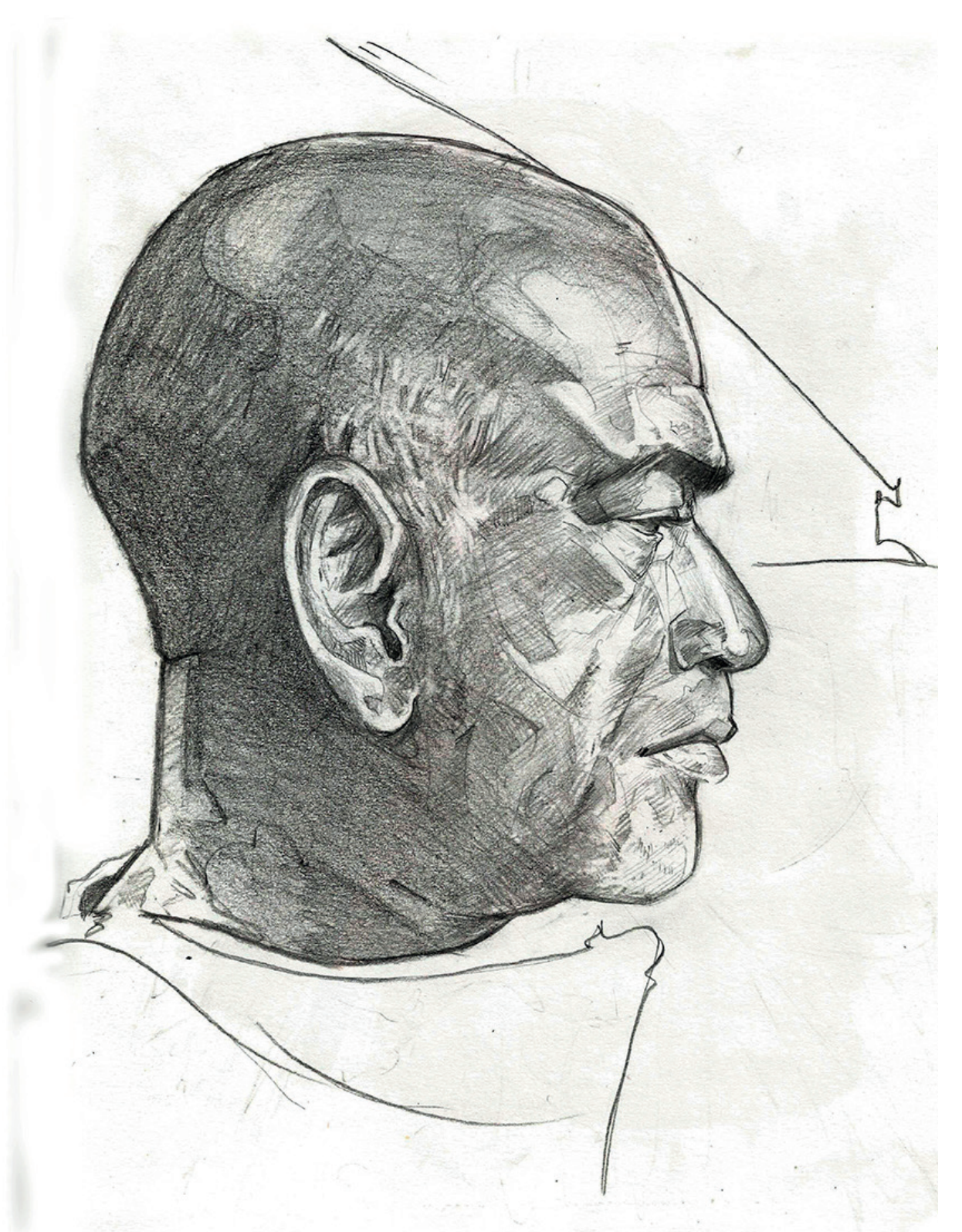
Mas por muito tempo eu achava que tinha que ser mais complexo, mais grandioso, tem que ser algo maior que isso. Tem que fazer o mundo melhor, e não tem, na verdade não tem. Provavelmente você comove mais pessoas quando mostra pra eles que é essa é sua vida. E as pessoas reconhecem aspectos na sua vida que são presentes na vida deles. Não vai ser especificamente a mesma coisa, mas emocionalmente essas coisas ecoam.

(YOUR CREATIVE PUSH #196: Take That Difficult First Step. NICOLAS URIBE 10 de agosto de 2017. Podcast disponível em: <http://yourcreativepush.com/2017/02/interview-with-nicolas-uribe/>)

Era exatamente o que eu precisava ouvir! Alguém com o trabalho que eu gosto, falando coisas e produzindo trabalhos com os quais eu me identifico. Isso me deu força pra seguir com o projeto que eu tinha em mente.



Nicolas Uribe
Black Hair Sun, 2020
Óleo sobre papel - 21,6 X 27,9 cm





UM POUCO DE VOCE EM MIM, TALVEZ PUDESSE ME FAZER BEM

Pessoas diferentes nos afetam de formas diferentes, porque alguém é tão interessante para alguns e passa despercebido por outros?

A aura emitida por uma pessoa ou objeto é tão parte deles quanto sua carne. O efeito que eles causam no espaço está tão ligado a eles quanto sua cor ou cheiro. O efeito no espaço de dois indivíduos humanos pode ser tão diferente quanto o efeito de uma vela e uma lâmpada elétrica. Portanto, o pintor deve preocupar-se tanto com o ar que circunda seu tema quanto com o próprio tema. É através da observação e percepção da atmosfera que ele pode registrar o sentimento que deseja que sua pintura transmita.

(FREUD, SOME THOUGHTS ABOUT PAINTING, 25 de Outubro de 2019. Disponível em: < <https://www.royalacademy.org.uk/article/lucian-freud-self-portraits-thoughts-on-painting#:~:text=The%20painter%20makes%20real%20to,which%20he%20is%20naturally%20drawn>> >)

As pessoas retratadas nos meus trabalhos vão de familiares e amigos próximos a pessoas que não conheço tão bem e que me intrigam de alguma forma. Tento ver cada pintura, cada desenho, como um exercício não só pictórico mas também de uma evolução pessoal, sempre fui muito fechado e tenho muita dificuldade em interagir com o outro e é engraçado pra mim como eu, que passei muito tempo me escondendo de outras pessoas, hoje em dia sinto que preciso me conectar e me deixar afetar por eles para que meu trabalho faça algum sentido. Com o passar dos anos eu fui percebendo que depois de muito tentar ser invisível, eu estava conseguindo. Eu percebi que sozinho não ia a lugar nenhum e o trabalho mudou junto comigo. Ao invés de me esconder agora eu procuro me colocar, perceber que eu tenho poder de mudança nos ambientes que eu estou. Minha presença nos lugares também causa aquela mudança que Lucian Freud cita, pois por mais que eu me esconda eu também sou uma pessoa com todas es-

sas nuances. E usar isso como força tem que fazer parte do trabalho, no momento que eu trago isso pra pessoa que será retratada sinto que isso acontece. Além de que ao precisar do outro para o trabalho existir, ele já é socializado desde o princípio, eu não faço nenhuma pintura ou desenho sozinho, tento vê-los sempre como uma conversa.

Desde o princípio algumas pessoas eram como espelhos que eu não conseguia evitar, de alguma forma meu olhar as achava. E isso segue acontecendo até os dias de hoje, algumas pessoas que não são tão próximas de mim e seguem aparecendo nos desenhos e pinturas.

Eu que sempre fui tímido, começo a usar os retratos como uma busca por intimidade e sinto que o desenho me dá permissão de olhar pras pessoas, pra tentar me comunicar e me conectar. De iniciar a conversa. E tentar fazer com que cada pintura além de representar uma pessoa consiga também falar sobre luz, sombra, atmosfera, afeto, desejo, medos, rotinas, sentimentos ou sobre mim mesmo é muito importante e também faz parte do desafio.

Meu trabalho sempre parte da empatia e do amor, não fotografo ninguém por achá-los feios ou que me perturbam, ou por raiva. Eu fotografo por amor, e por querer tocar alguém de alguma forma. Então, eu fotografo pessoas que me tocam
(Nan Goldin - Tate Shots 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r_rVyt-ojpY&t=28s&ab_channel=Tate)

O filme Antes do amanhecer (1995), nos conta a história de dois jovens que se conhecem em um trem vindo de Budapeste. Jesse está indo para Viena, onde pegará um voo de volta para casa, nos Estados Unidos. Enquanto Celine está voltando para a universidade em Paris, depois de visitar sua avó. Eles começam a conversar e Jesse a convence a descer em Viena com ele para passarem aquele último dia dele na Europa juntos se conhecendo. O filme acompanha os dois jovens andando por Viena, se conhecendo e conversando sobre a vida, vivendo experiências juntos e ao final se apaixonando. Enquanto acompanhamos esses dois jovens conversando sobre vários temas, em um momento, Celine diz a Jesse:



Acredito que se existe algum Deus neste mundo, ele não está em mim ou em você. E sim, nesse espaço entre nós. Se existe alguma magia neste mundo, deve estar na tentativa de entender alguém, compartilhar algo. Eu sei, é quase impossível de se conseguir... mas quem se importa na verdade? A resposta deve estar na tentativa. ("Antes Do Amanhecer", 1995)

Acredito que minha pesquisa de retratar outras pessoas parte desse pensamento. Essa conversa entre pintor e modelo depende dessa intimidade, dessa empatia das duas partes para funcionar. Um tentando entender o outro, compartilhando e contribuindo juntos para que essa conversa possa fluir. Talvez assim nos aproximamos dessa magia que Celine cita no filme.





“colour me in kindness,
cover me with love...”
Basement - Spoiled

NOTAS SOBRE O PROCESSO

Eu trabalho a partir de fotos e elas já foram produzidas de várias formas. Primeiramente com meus amigos. Marquei um encontro com todos juntos e não funcionou, não ficou natural, a vergonha de posar um na frente do outro tornou o encontro muito desconfortável e quase nada foi aproveitado dessa primeira experiência.

Logo após essa experiência convidei alguns colegas da universidade para posarem, como eu precisava estar confortável, eles pareciam uma escolha lógica. Por serem pessoas com quem eu tinha mais proximidade e também por eles estarem inseridos no contexto artístico, e por isso não estranhariam tanto quanto meus amigos. Marcamos na Escola de Belas Artes mesmo e fizemos várias fotos. Algumas funcionaram e outras não, mas a partir dessas experiências eu fui aprendendo como cada pessoa era diferente e como cada processo seria diferente também. Já aconteceu algumas vezes também das fotos serem feitas na casa das pessoas. Percebia que estar ali em seu ambiente trazia uma camada a mais de conforto para a pessoa. E também trazia mais uma camada de intimidade a cada foto e a cada trabalho, já que eu estava literalmente me inserindo no ambiente e no dia de outra pessoa.

Como parte da ideia era fazer imagens minhas, eu tinha o pensamento de que eu precisava criar nas fotos também: pensar composições, dirigir totalmente o modelo. Mas aquele primeiro exercício que tentei fazer com meus amigos, me mostrou que nem sempre isso seria possível, me mostrou na prática como todo o processo seria desenvolvido a partir de um diálogo. Além de que, se o que eu queria era estar atento ao redor e buscar essas conexões, seria um desperdício não tentar usar de todas as ferramentas para isso. E no momento que eu percebi que as redes sociais e a possibilidade de conversar e de me conectar com pessoas que estavam ao redor, não só fisicamente, era viável, comecei a desejar usar isso.

Tentei novamente com meus amigos, já que não tinha ficado satisfeito com as fotos que fizemos e propus as ideias para eles posarem individualmente, e também a ideia de eles produzirem as fotos sobre as quais eu trabalharia. Com referências fotográficas, de pinturas e desenhos eu tentava passar a ideia do que eu estava buscando, então agora além de eles serem modelos, eram também parte ativa nas composições sobre as quais eu trabalharia. Funcionava da seguinte forma: eles produziam as fotos em casa da forma que achavam que funcionaria para eles e me mandavam várias imagens para que eu pudesse escolher e ou dar direcionamentos caso fosse preciso para a produção de outras imagens.





Durante esse processo de aprender a trabalhar com o outro, eu também aceitei que não posso ter todo o controle sobre as imagens e composições. Frequentemente eu apenas observava as coisas acontecerem e as trazia para o trabalho. Com essa mudança no procedimento das poses dos/as modelos/as, inaugurou-se uma outra forma de coletar imagens, como se fossem “roubadas” ou achadas. Alguém postava uma foto que me interessava de alguma forma e eu me deixava ser afetado por isso e coletava a imagem para poder trabalhar sobre ela. E mesmo que eu considere essas imagens como “roubadas”, eu ainda sim peço permissão para poder utilizá-las. Em algumas situações eu sentia que essas fotos coletadas eram mais naturais, e se tudo que eu estava fazendo era procurando essas pessoas que me tocassem, não tinha porque não incorporar isso à pesquisa.

O fazer de cada imagem tem suas peculiaridades próprias, algumas vem com facilidade e outras demandam um esforço que parece não fazer sentido às vezes. Gosto de ir descobrindo a imagem, primeiro com um rascunho a lápis tentando achar o retrato, mas sem me prender em tentar fazer algo hiper-realista ou super naturalista. Mesmo trabalhando a partir de fotos, tento não medir nada e deixar que esse rabiscar vá me revelando a pessoa, me prendendo mais a observação como ferramenta. Eu vejo e interpreto, e às vezes algumas coisas se perdem nessa tradução.

Meu processo de desenho e pintura não é muito linear, no sentido de que eu não sigo as mesmas regras em todos os trabalhos, às vezes sinto que me coloco em apuros e vou tentando achar a solução para o problema no processo.

Começo com uma linha solta quase que deixando a mão passear por toda a folha, acredito que tenho que colocar as coisas no papel rápido e a partir daí, ir comparando e refinando as coisas, sem a preocupação de que essas marcas iniciais estejam certas ou erradas. E seguindo esse caminho vou refinando e comparando com as referências que tenho, me prendendo muito mais a observação do que sobre qualquer conhecimento técnico que venha como uma receita para achar o desenho.

Na pintura, acredito que faço o mesmo processo. O desenho que vem antes do processo de pintura é um pouco diferente e mais simples também, para que haja espaço para que a minha pintura participe e não seja apenas um ato de colorir um desenho. Eu começo com os tons médios e vou me encontrando aos poucos tentando criar uma conversa entre as cores e valores tonais e construindo aos poucos a figura.

Prefiro trabalhar dessa forma pois sinto que assim ainda estou aberto e me obrigo a observar mais a pessoa ou cena sobre a qual estou debruçado tentando investigar. Assim também sinto que exponho minhas fraquezas enquanto desenhista, abraço as imperfeições do meu traço e sinto que assim me coloco presente no que poderia ser apenas uma reprodução de uma fotografia.







O QUE ACONTECE EM MIM, ACONTECE AO MEU REDOR

Com o passar do tempo e depois de produzir muitos retratos, o trabalho pareceu querer evoluir e cenas do cotidiano que costumam passar despercebidas se transformaram em poesia e temática para os trabalhos. Ao invés de procurar sobre o que falar eu observo o mundo e as pessoas e tento estar atento a pessoas e momentos que me chamam atenção. Acredito que a partir do exercício de primeiro observar as pessoas que me rodeavam e que me intrigavam, eu, que sempre me escondi, me tornei ferida aberta. Exposto e podendo ser tocado por tudo e por todos. Como o Nicolas Uribe diz, “A pintura era literalmente uma maneira de tentar entender tudo que estava acontecendo ao meu redor”.

E a partir disso eu não precisava mais ficar inventando composições nem mesmo pedir pra alguém posar, o trabalho em sua essência ficava mais simples, pois certas cenas, certos rituais eram atraente demais para serem ignorados. Pintando momentos de nada, o tédio a monotonia, a contemplação, os intervalos, pintando os dias. Tornando-me atento a coisas que passavam despercebidas e fazendo delas meu assunto. Quase que indo na contramão da correria de informações e do constante fluxo de imagens com as quais somos bombardeados nos dias atuais, não que eu esteja pensando nisso, mas essa coisa de se movimentar em um tempo diferente do que me rodeia sempre esteve aqui com o fazer artístico. A pintura diferente de uma foto não guarda apenas aquele momento no qual a foto foi tirada, a pintura carrega em si toda a dedicação do pintor e expõe todas suas limitações e pontos fortes.

O pintor torna real aos outros os sentimentos mais íntimos sobre tudo o que lhe interessa. Um segredo se torna conhecido por todos que vêem a imagem pela intensidade com que ela é sentida. O pintor deve dar total liberdade a quaisquer sentimentos ou sensações. Ele não pode rejeitar nada para o qual ele é naturalmente atraído. (FREUD, SOME THOUGHTS ABOUT PAINTING, 25 de Outubro de 2019. Disponível em: < <https://www.royalacademy.org.uk/article/lucian-freud-self-portraits-thoughts-on-painting#:~:text=The%20painter%20makes%20real%20to,which%20he%20is%20naturally%20drawn>>)



Como exemplo desse novo olhar mais atento, cito um ritual que meu pai tem, de sempre visitar o quarto de sua mãe, já falecida. Onde o quarto se tornou quase que um lugar para se guardar memórias e é algo que sempre fiz com ele, eu também cresci nessa casa, mas nunca pensei nessa situação como algo que pudesse se tornar pintura, pois era tão comum que eu quase não percebia que aquele quarto, cheio de coisas esquecidas ainda guardava as memórias que meu pai tem de sua família, no meio da bagunça, do cheiro de mofo, debaixo da poeira, ainda existe algo que meu pai reconhece ali e acha conforto ao visitar o quarto das memórias esquecidas, e ver os retratos de seus pais e de suas irmãs que já se foram. Momentos como esses me emocionam muito mais hoje, percebo que passei muito tempo procurando por algo que estava na minha frente o tempo todo. Eu só precisava aceitar que meu olhar era atraído por esses momentos, e ao invés de me sentir pressionado ou inseguro por achar que minha motivação era simples demais, começo a perceber que a força do meu trabalho se encontra em ser sincero com as coisas e as pessoas que me atraem, me intrigam e me emocionam de alguma forma. É como se o olho não estivesse satisfeito em apenas ver, quero capturar esses momentos e traduzir isso de forma pictórica, trazendo minhas histórias de vida, minha rotina, meus amigos, familiares, amores e interesses.



Não vejo como algo poderia ser mais especial e inspirador para pintar do que pessoas próximas a mim, meu marido, nossos quartos, nossos animais de estimação, nossas coisas, a vida cotidiana que compartilhamos. Isso é o que eu conheço e aprecio e vejo mais beleza e o que me sinto mais confortável pintando. Simplesmente me impressiona que as coisas possam ser tão simples, mas tão complexas e cheias de emoções. Eu apenas pinto a vida, como ela é, com suas perfeitas imperfeições. Não penso muito no que estou tentando capturar – apenas olho para cima e imediatamente vejo algo como uma pintura. Apenas aparece como uma visão forte e eu não a questiono.

(BERNADETT TIMKO, HOW I PAINT,
julho de 2020. Disponível em: <https://www.magzter.com/stories/Art/Artists-Illustrators/HOW-I-PAINT-BERNADETT-TIMKO>)



Com essa nova percepção de que minha vida pode ser meu assunto, tentei me cercar de referências de outros artistas que trabalhavam com a mesma temática, não apenas para ter referências imagéticas, mas também para escutar o que esses artistas falam sobre a produção, sobre a percepção de coisas e pessoas ao redor. E quanto mais eu pesquisava mais eu percebia o quanto o discurso era parecido entre todos, como nesta fala da Bernadett Timko citada anteriormente. Ela está literalmente falando as mesmas coisas que eu, a mesma coisa que o Andrew Wyeth e a mesma coisa que o Nicolas Uribe, que a Nan Goldin, que o Edward Hopper e muitos outros. Isso me impulsiona a continuar registrando esses momentos no meu diário visual, como a Nan Goldin descreve em “The Ballad of Sexual Dependency”.

The Ballad of Sexual Dependency é o diário que eu deixo as pessoas lerem. Meus diários escritos são privados, eles são de alguma forma um documento fechado do meu mundo e me permitem a distância para analisá-los. Meu diário visual é público, ele expande de sua subjetividade com a participação de outras pessoas. Essas imagens podem ser um convite para meu mundo, mas elas foram tiradas para que eu pudesse ver as pessoas que estão nelas. Eu às vezes, não sei como eu me sinto sobre uma pessoa até que eu a fotografe. Eu não seleciono as pessoas para fotografá-las, eu fotografo diretamente da minha vida. Essas imagens vêm de relacionamentos e não de observação.

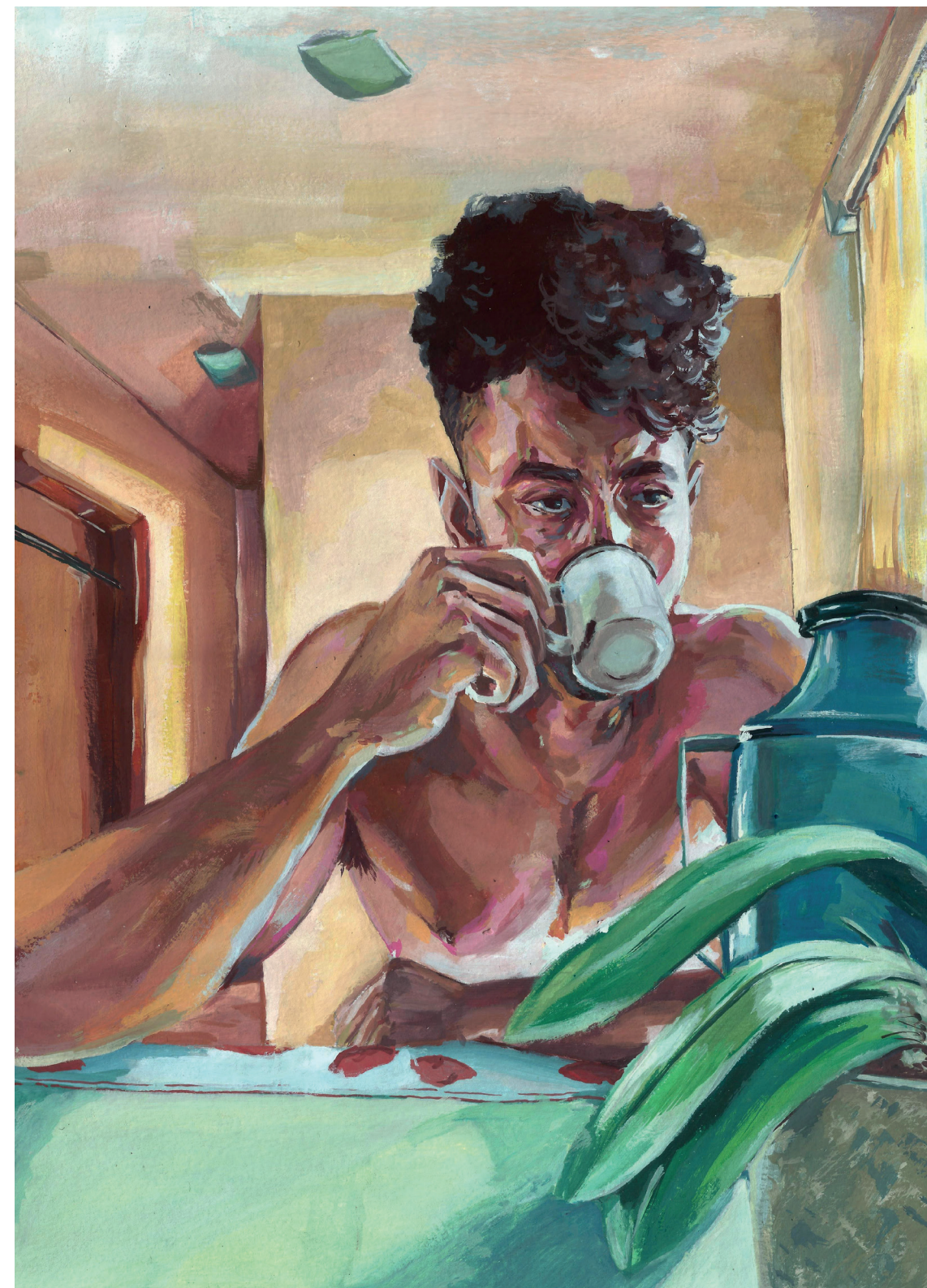
NAN GOLDIN. The Ballad of Sexual Dependency. [S.l.]: Aperture; Revised ed. edição, 1986.

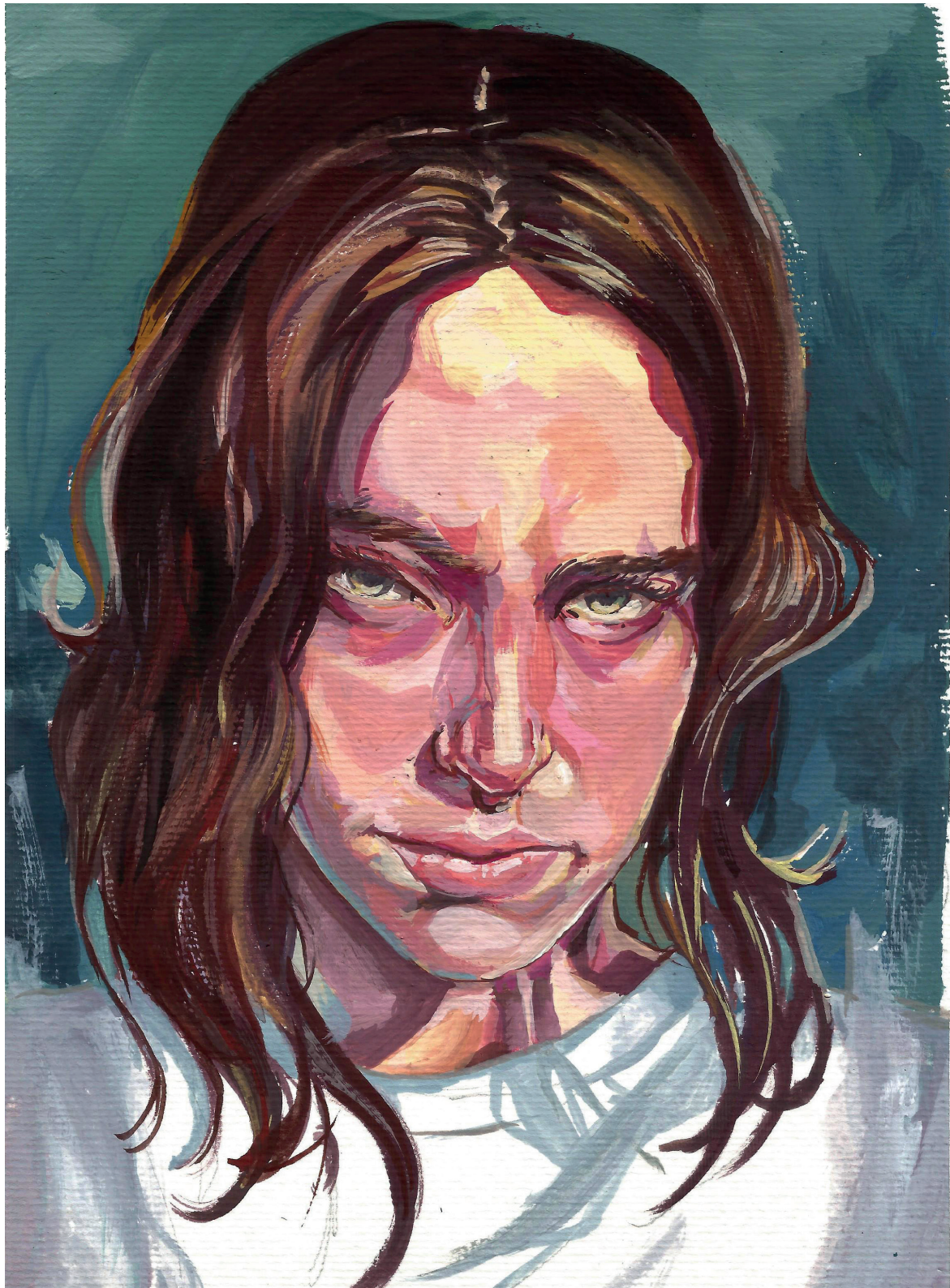


Por conta da pandemia de 2020 tudo entrou em hiato, e com isso de alguma forma senti que a vida também parou. Lógico, no começo não tínhamos noção do tamanho do que viria a nos atingir, mas rapidamente tudo foi cancelado e entramos todos em quarentena. E nesse momento eu percebi o quanto eu era dependente de estar num ambiente de arte para que o meu fazer fizesse sentido. Em casa eu tinha muita dificuldade de me manter produzindo, e foi aí que o trabalho de Nicolas Uribe que já me inspirava desde o começo me estendeu a mão.

O projeto Our Painted Lives se propunha a fazer uma pintura por dia de segunda a sexta, alternando entre temas, criando reflexões não só sobre arte mas sobre a vida em geral. E também tinha como objetivo fazer a pintura ser tornar um hábito e a tirar do lugar sagrado que às vezes a colocamos.

Uribe que por muitas vezes me ajudou a ver que essa temática de pintar as coisas ao redor, agora era um companheiro, todos os dias eu acordava e sabia que ele estaria ali com uma pintura e uma reflexão. O que me deu força pra continuar, mesmo quando parecia ter perdido sentido em continuar pintando.





Algum tempo antes eu havia me deparado com um grupo de pintores que estava se formando na Europa, de princípio eles eram um coletivo e logo depois se transformou em algo novo, um grupo de referências públicas. A ideia de compartilhar as referências surgiu com um desafio de pintar 100 cabeças, 100 retratos, criado por um dos membros desse coletivo. E com isso os outros também começaram a participar, e daí surgiu uma demanda por modelos e fotos de referências. Isso evoluiu e se criou uma comunidade de artistas espalhados pelo mundo todo que tem esse interesse em comum pela figura humana, onde todos compartilham referências e os trabalhos feitos a partir dessas referências, o movimento e o grupo tem o nome de “CaneYo”.

Ali fui apresentado ao trabalho de muitos artistas, que jamais conheceria se não fosse por essa troca que estávamos fazendo. Entre eles a artista Bernadett Timko que tinha uma sensibilidade muito próxima do que eu sentia que queria fazer com o meu trabalho, ela pintava cenas íntimas e melancólicas de sua vida, seu marido, suas tatuagens, além de começar a trabalhar bastante dessas imagens do grupo de referências, ela conseguia traduzir essas imagens de desconhecidos em pinturas íntimas e sinceras. Então trago aqui um pouco da conversa que tive com ela sobre sua forma de enxergar o trabalho, sua relação com retratar momentos íntimos tanto seus, quanto de pessoas que não conhecemos. Acredito que seja uma boa forma de finalizar meu texto, tendo que as respostas de Bernadett acrescentam ao trabalho e me ajudam a perceber o quanto o pensamento dela é parecido e que ela também passa pelos mesmos processos que eu ao pensar e executar as imagens.



Bernadett Timko nasceu em 1992 na Hungria. E aos 19 anos se mudou para Londres onde estudou pintura e escultura na Escola de Belas Artes de Heatherley. Seu trabalho tem como foco, seu cotidiano, pessoas próximas e sua intimidade, como ela mesmo descreve: “Estou capturando momentos simples do dia-a-dia que muitas vezes são bonitos, mas que passam despercebidos por causa de nossas vidas e mentes ocupadas.”



CONVERSA COM BERNADETT TIMKO

1. Primeiro eu gostaria de saber de como veio o interesse de pintar cenas do cotidiano e se sempre foi o que você perseguiu como tema? Se já tentou outros temas e como acabou chegando nessas cenas mais íntimas.

Eu definitivamente sempre desenhei e pintei coisas a partir da vida desde criança. Acho coisas simples do dia-a-dia, lugares, pessoas e momentos, lindos e aprecio eles facilmente. Eu sempre tinha um pequeno Sketchbook comigo, eu desenhava flores, meus cachorros, carros, os campos, a mesa de jantar, tudo na verdade. E então fui para escola de artes quando tinha 14 anos, estudei como desenhar e pintar apenas de observação. Trabalhar de imaginação nunca veio naturalmente para mim.

2. Ao compor suas imagens que são cenas cotidianas, você tenta dar direções ou tenta estar atento às coisas que acontecem e tenta captar a partir disso? É sempre difícil para mim encontrar o equilíbrio de pedir a alguém para fazer uma pose para que eu possa tirar uma foto ou tentar fotografar o momento sem ser notado.

Eu gosto de manter as coisas o mais natural possível. Eu gosto de fotos espontâneas por esse motivo, ou usar alguém como modelo que não seja tímido e ansioso em sentar para uma pintura ou mesmo para fotos. Eu tive muitas discussões com meus professores sobre isso, você sabe quando na escola de arte você tem aquela pose “modelo sentada nua em uma cadeira desajeitadamente”, composições que literalmente nunca aconteceriam na vida real. E quando parávamos a aula para uma pausa, a modelo relaxava e eu sempre desejei que pintássemos isso. Eles apenas relaxaram seus músculos e não estavam sentados eretos. Você pode imaginar aquela cena em sua casa depois do trabalho ou algo assim, eles tiram suas roupas e sentam cansados por um segundo antes de trocarem para roupas confortáveis etc. Todo mundo teria ficado mais confortável, especialmente a modelo.

Normalmente noto uma cena especialmente porque já é perfeita. Eu realmente não configuro mais as coisas, eu tropeço em assuntos.

3. Certa vez ouvi você falando em uma entrevista que você trabalhava de modelos vivos, você sente alguma diferença agora trabalhando a partir de fotos, tanto no processo quanto no resultado final das pinturas?

Sim, só comecei a trabalhar com fotos desde a pandemia e o lockdown e tudo mais. Eu fiquei irritada com isso primeiro, mas depois pensei: ei, não é tão ruim assim. Trabalhar a partir de fotos não é mais diferente do que trabalhar a partir do modelo vivo, porque fiz apenas isso por mais de 10 anos nas escolas de arte que frequentei e em meu próprio tempo, então tenho o conhecimento que muitas vezes é necessário para adicionar a uma referência fotográfica onde os detalhes podem estar perdidos ou alguma coisa foi capturada de um ângulo estranho e não faz muito sentido, eu os corrijo como se eu os visse na vida real na minha frente. As fotos geralmente parecem planas ou distorcidas, especialmente se a lente estiver muito curvada, agora algumas pessoas gostam de pintá-la como é vista pela lente, eu prefiro mudar como meus olhos veem.

4. Você já trabalhou com modelos, convidando pessoas de fora do seu círculo de amigos ou familiares para posar, ou suas pinturas são sempre de pessoas próximas a você? Se sim, como isso funcionou, tentando configurar uma composição com intenção e tendo que comunicar isso ao modelo.

Sim inúmeras vezes, por mais de 10 anos trabalhei com modelos diariamente. Alguns profissionais na escola de arte, costumávamos posar uns para os outros com os colegas também, outros alunos que pareciam que deveriam ser pintados, professores, alguns colegas de casa, amigos, entusiastas da arte, pessoas que encomendavam pinturas ou esculturas (fiz um curso de escultura figurativa por 2 anos) de si ou da família.

Eu sempre odiei quando eu tinha que pintar alguém que eu realmente não achava interessante ou relacionável de forma alguma. A pintura é como uma conversa silenciosa. Eu também preciso estar confortável para pintar bem.

Eu não tenho muitos amigos sendo sincera, ou pessoas ao meu redor em geral. Como se eu não fosse a mais social nos dias de hoje, especialmente. Eu e meu marido nos mudamos no ano passado, então nem conheço ninguém por aqui, o que não me importo. Então, estou usando as referências de outras pessoas de um bate-papo de referência ou minhas referências antigas ou alguns amigos ainda

me enviam fotos on-line se eu pedir ou apenas “roubar” fotos on-line e alterá-las. Eu amo as pessoas e as acho muito interessantes, mas sempre fui mais um observador do que um participante de interações ou encontros sociais. Eu uso retratos como autorretratos, ou metáforas para descrever visualmente um sentimento ou estado de espírito. Eu pinto pessoas nas quais eu posso me reconhecer. Por qualquer motivo, de qualquer maneira. Se o sentimento está lá e eu tenho uma visão de uma pintura, não a questiono.

5. Percebi que com a pandemia você passou a trabalhar mais com as referências do Cane-yo(grupo público de referências). Ao escolher essas referências, você sente que isso muda alguma coisa nas cenas que são “suas” ou essa conexão vem da mesma forma?

Porque para mim ainda tenho dificuldade em me conectar com as imagens que são “encontradas” ou “roubadas” da internet.

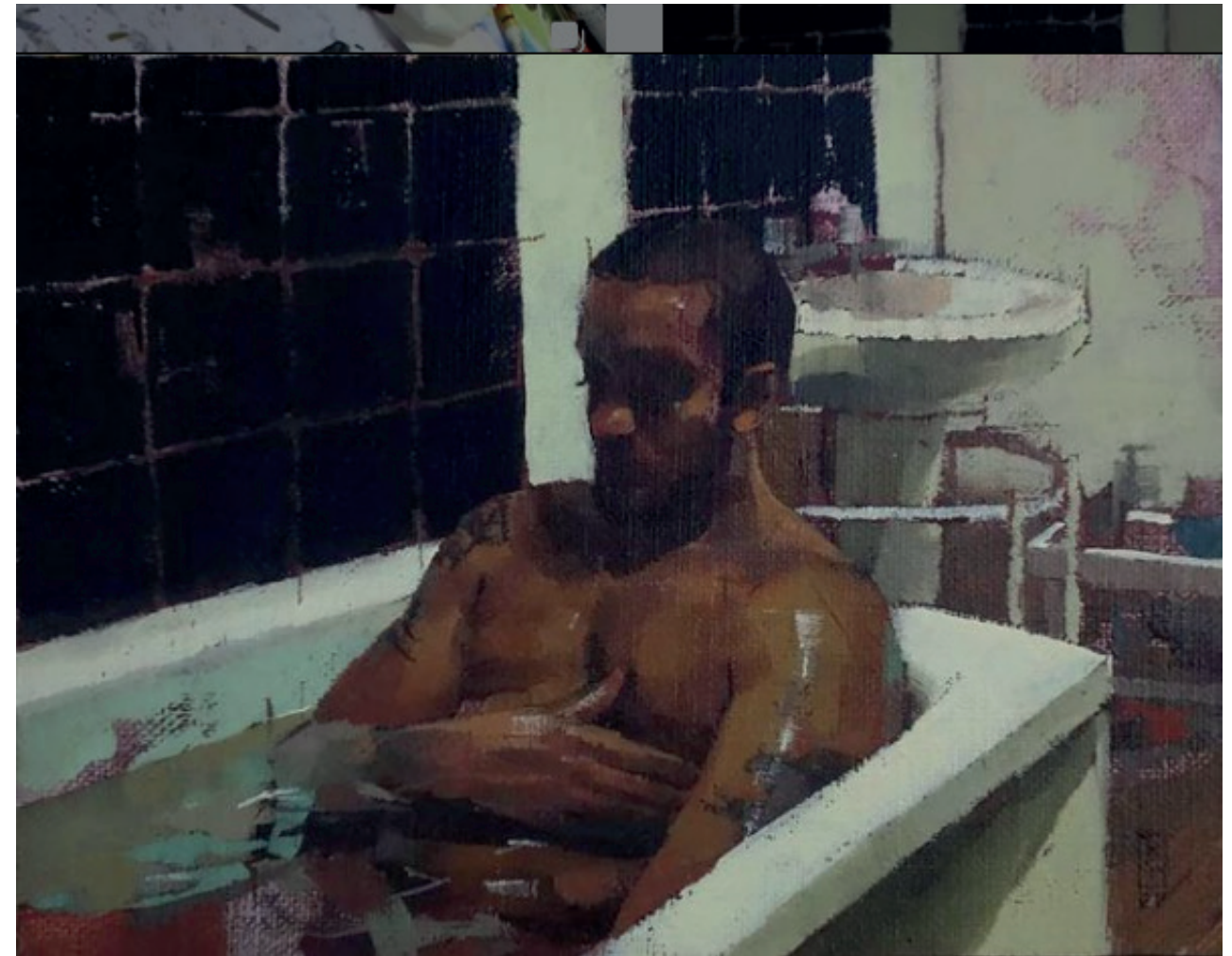
Oh, eu acabei de descrever um pouco disso realmente. Então eu nunca tento pintar uma imagem que eu não perceba do ponto de vista emocional. Tipo, tenho certeza que se eles me ligassem àquela máquina que mede minhas ondas cerebrais ao ver coisas que me fazem sentir algo, eu teria essas partes do meu cérebro acesas quando me deparar com uma referência que vejo imediatamente como uma pintura e a salve. Tipo, eu passo por 1000 e salvo 10 e pinto 1 dessas imagens. Mas eu escolhi esse 1 em um dia específico quando parece fiel ao meu humor e como estou me sentindo. Eu tenho aqueles dias em que eu começo a pintar uma referência, eu não estava muito interessada no começo, mas eu estou tipo, ei, eu vou fazer funcionar, só preciso entrar nisso ... Mas não, isso literalmente nunca funciona porque se eu não tenho certeza sobre minha intenção e como estou realmente me sentindo, minha mente é um caos, aquela pintura não vai funcionar.

Estou muito em sintonia com o meu trabalho e há uma coisa poética acontecendo no fundo, mas não é algo que eu precise expressar fortemente e garantir que todos saibam que eu tenho sentimentos ou algo para expressar como isso é básico. Então a resposta é, que eu me sinto sim conectada a fotos que não são minhas ou de pessoas que não conheço, porque as vejo com meus olhos, como sou, então elas se tornam minhas experiências se me encontrarem no momento certo. É

como filmes e músicas. Eles não foram feitos por você, para você, mas tenho certeza que como todo mundo você tem seus favoritos que parecem que você está em casa neles e eles poderiam ter sido feitos apenas para você.

6. Acho que a intimidade é um assunto que vemos muito no seu trabalho, mas gostaria de perguntar, o que faz um retrato ser íntimo para você? E talvez até como você vê a intimidade em seu trabalho?

A intimidade é algo muito importante para mim, no meu trabalho e na vida em geral. Eu acho que você pode ter intimidade com qualquer coisa, eu vejo isso como uma conexão especial que tem algo mágico que distingue aquele momento dos outros, mesmo que por um segundo. Quando você se sente algo verdadeiramente honesto em seu coração e as coisas fazem sentido, mesmo que geralmente não façam. Quando se trata de assunto ou temas, eu os vejo como espelhos, estou neles em algum lugar. Essas coisas só podem ser descritas vagamente e não com precisão, mas sentidas com tanta verdade. E o fato é que algumas pessoas veem isso na minha arte e algumas definitivamente não veem. É o mesmo que quando eu passo por 1000 referências e me sinto de uma certa maneira especial apenas um punhado de vezes. É essa conexão que as pessoas têm com outros indivíduos com ideias semelhantes, imagens, sons, cheiros, cores etc. É o que você não pode descrever, mas sente e não precisa de explicação porque o sentimento é genuíno.



Bernadett Timko
Study of Jabril in The Bath II



LISTA DE IMAGENS

3. Sem título, 2019 - Grafite sobre papel - 21,6 X 27,9 cm
4. Mãe, 2018 - Grafite sobre papel - 21,6 X 27,9 cm
5. Nicolas Uribe - Black Hair Sun, 2020 - Óleo sobre papel - 21,6 X 27,9 cm
6. Mayra, 2018 Grafite Sobre Papel - 21,6 X 27,9 cm
7. Pai, 2019 - Grafite Sobre Papel - 21,6 X 27,9 cm
8. Luiza, 2018 - Guache Sobre Papel - 21,6 X 27,9 cm
9. Sem título, 2019 - Guache Sobre Papel - 21 X 25 cm
10. Lorena, 2018 - Guache Sobre Papel - 29,7 X 42 cm
11. Bernadett, 2021 - Guache sobre papel - 20,9 x 25 cm
12. Sem título, 2022 - Grafite sobre papel - 29,7 X 42 cm
13. Bauhaus é o caraio estileira > função, 2022
Grafite sobre papel - 21 X 27,9 cm
14. Mariana, 2022 - Guache sobre papel - 21 X 27,9 cm
15. Rafa, 2019 - Guache sobre papel - 29,7 X 42 cm
16. Iris, 2018 - Guache sobre papel - 21,6 X 27,9 cm
17. 5 da manhã, 2022 - Guache sobre papel - 29,7 X 42 cm
18. Fotografia, 2022 “O quarto das memórias”
19. Antes do Mundo Ser Grande, 2022 - Guache Sobre Papel - 29,7 X 42 cm
20. Sem título, 2020 - Guache sobre papel - 21 X 27,9 cm
21. Acordar, 2019 - Guache Sobre papel - 29,7 X 42 cm
22. Sem Título, 2021 - Guache sobre papel - 21 x 27,9 cm
23. Superstar, 2019 - Guache sobre papel - 29,7 x 42 cm
24. Bença, 2022 - Guache sobre papel - 21 X 27,9 cm
25. Bernadett Timko - Study of Jabil in The Bath II
26. Além do caos, 2019 - Guache sobre papel - 29,7 x 42 cm
27. Fotografia, desenhos parte da série “colourmeinkindness”



BIBLIOGRAFIA:

MICHAEL KIMMELMAN. Andrew Wyeth, Painter, Dies at 91. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/01/17/arts/design/17wyeth.html>>.

ANTES Do Amanhecer. Diretor: Richard Linklater. 1995. DVD (105 min)

BRILHO Eterno De Uma Mente Sem Lembranças. . Diretor: Michel Gondry. 2004. DVD (108 min).

BULLET BANE - Labirinto. , Continental. 8: [s.n.], 2017. Disponível em <<https://youtu.be/RUWowJMIwXA>>.

WAXAHATCHEE - Clumsy . , Early Recordings. 5: [s.n.], 2016. Disponível em <<https://youtu.be/ADUI4kP8mCc>>

Idle Hands Society Podcast -014 Bernadett Timko. , Idle Hands Society Podcast. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://idlehandssociety.com/pod/014-bernadett-timko>>. , [S.d.]

LUCIEN FREUD. Some thoughts on painting. Some thoughts on painting, 1954. Disponível em: <<https://www.royalacademy.org.uk/article/lucian-freud-self-portraits-thoughts-on-painting#:~:text=The%20painter%20makes%20real%20to,which%20he%20is%20naturally%20drawn>>.

MENORES ATOS - O Que Te Trouxe Até Aqui. Lapso. 4: [s.n.], 2018. Disponível em: <<https://youtu.be/SVYbXQNU5e8>>

MICHAEL KIMMELMAN. Andrew Wyeth, Painter, Dies at 91. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/01/17/arts/design/17wyeth.html>>.

NAN GOLDIN. The Ballad of Sexual Dependency. [S.l.]: Aperture; Revised ed. edição, 1986.

Nan Goldin – “My Work Comes from Empathy and Love” | TateShots. . [S.l:

s.n.]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r_rVyt-ojpY&ab_channel=Tate>. , 1 maio 2014

No Portal da Eternidade. Diretor: Julian Schnabel [S.l: s.n.], 2019. (111 min)

Our Painted Lives. , Our Painted Lives. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/OurPaintedLives>>. , 2020

ROLF GUNTER RENNER. Edward Hopper 1882-1967 Transformações do Real. [S.l: s.n.], 1992.

The Last Person Made Famous by a Painting. . [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://youtu.be/3Lh-FKxufi4>>. , 27 fev. 2019

THOMAS HOVING; ANDREW WYETH. Two Worlds Of Andrew Wyeth: Kuerners and Olsons. [S.l.]: Katharine Stoddert Gilbert and Joan K.Holt, 1976.

TIMKO, B. HOW I PAINT: BERNADETT TIMKO. . [S.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.magzter.com/stories/Art/Artists-Illustrators/HOW-I-PAINT-BERNADETT-TIMKO>>. , jul. 2020

COLOURMEINKINDNESS. Intérprete: Basement. In: colourmeinkindness. The Panda Studios, Fremont, California, 2012. CD

YOUNGMAN BROWN. Take that DIFFICULT FIRST STEP past fundamentals (w/ Nicolás Uribe). , Your Creative Push. [S.l: s.n.]. Disponível em: <<http://yourcreativepush.com/2017/02/interview-with-nicolas-uribe/>>. , [S.d.]

